

NESTOR VICTOR



# Transfigurações

1888-1898

H. GARNIER  
Livreiro Editor  
RIO DE JANEIRO







**NESTOR VICTOR**

\* \* \* \* \*

# Transfigurações

**1888-1898**

**H. GARNIER**  
*Livreiro-Editor*  
**RIO DE JANEIRO**

OBRAS DO MESMO AUTOR :

SIGNOS (contos)

CRUZ E SOUZA (critica).

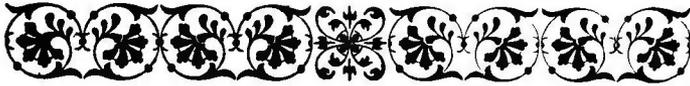
AMIGOS (romance).

A HORA (critica).

A SABEDORIA E O DESTINO (traducção).

*A minha Mulher.*





## De Volta



Voltar do mundo assim desilludido  
Depois do crime feio,  
E o pequeno remorso aborrecido  
À porta, mal se veio !...

Si um Satanaz, ao menos, realizasse,  
Assombradora, a gente,  
E então, grande, o Remorso se elevasse  
Terrorificamente !

Mas nem Deus nem Demonio ! Confundido  
Com os mais, trivial e frouxo,  
Se arrasta a inutil vida, aborrecido  
Incompletado, coxo !...

Não!... longe da terra e da torpeza!  
Vamo-nos para o Sonho!  
— Ideal! Ideal! tanta fraqueza  
Fortalece risonho!

Arte, oh! nobre avára! arca bem dita  
Do Escolhido, no mundo!  
Abriga para sempre esta alma afflicta  
Em teu seio profundo!

1888.





## Transfiguração



Tudo dorme em silencio. A luz é extincta.  
No entanto, a construir o meu castello,  
Olhos ardentes, sem que alguem presinta,  
Fita a pupilla, ha muito tempo eu vélo.

Projecto coisas de Arte. E não se pinta,  
Mesmo empregando-se o maior desvélo,  
A qualquer um que o não conheça e sinta,  
Este prazer de louco, estranho e bello.

E quando, então, já sem saber, eu piso  
Como quem vae por outrem arrastado,  
Apalpo a mesa, sento-me indeciso...

Só si estivesseis, vós que ouvis, ao lado,  
Vendo o meu gesto, e a côr do meu sorriso,  
Para ficardes algido e pasmado !...





## A Victoria



— Sól fecundante e bom, ora parado,  
Inutil, com uma luz fria doirando  
O espectaculo doente revelado  
Pela aniquilação, que vem chegando — ;

Teu rico e grande olhar, negro e brilhante,  
De uma eloquencia que desencaminha,  
Hoje não veiu como d'antes vinha,  
— Hoje fitou-me manso, e aniquilante !

Bem o sei !... bem o sei ! — As que, abraçadas  
Por braços resolutos e vulgares,  
D'aqui se foram, mandam-me as risadas  
Que ahi vêm cristalizando pelos ares...

Bem de pressa tambem, frivola e crente,  
Solto o cabelo, estonteada a bocca,  
Por essa estrada tu, formosa e louca,  
Has de partir maravilhosamente !

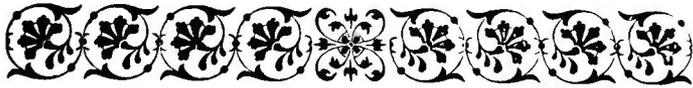
Has de partir! E em quanto aqui, mordido  
De despeito, eu sorrio-me amarello,  
Irresoluto, e n'um desconhecido  
Mundo, em vão, a sonhar, eu me desvélo;

Como que presas por fatal cadeia,  
Do Vencedor no braço destemido,  
Que fascinante traz, e appetecido,  
Rica fecundação na excelsea veia :

Ellas e tu, do amor mysterioso  
Escravas, em esplendida cohorte,  
Celebrareis, crueis, o fabuloso  
Festival da Victoria do Mais Forte

1888.





## Muzica



Rompia victoriosa a banda. Não obstante,  
Distraído, a viver em um meio distante,  
    Desalinhado o andar,  
Eu aos poucos chegava ; e, a mim proprio escutando,  
Essa marcha marcial que ali estavam tocando  
    Não ouvia tocar.

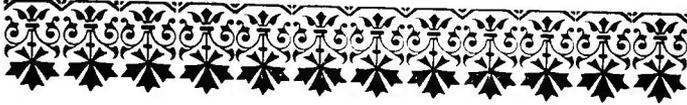
Os meus sonhos de poeta, ante mim, n'aquella hora,  
— Accordados tão bem como dormem agora, —  
    Andavam a dançar.  
Chammas de estranha luz, si em nós ha uma outra chamma,  
Por nós teu foco em vão audaz palpita e clama :  
    Somos dois a incendiar.

Comtudo, como mais e mais me avisinhasse,  
E ainda porque, talvez, a marcha se esforçasse  
Alto por me falar ;  
De subito, medindo o passo, inconsciente,  
No amplo meio do som, como em novo ambiente,  
Eu senti-me accordar.

E mesmo então não sei si fiquei accordado :  
Porque, a muzica ouvindo, e se havendo encontrado  
Com os meus sonhos, no ar,  
O som d'ella, perplexo, afinal, com effeito,  
Eu não fiquei ; segui como d'antes direito...  
Porém a imaginar...

... Imaginava eu que era aquelle que não move  
Nem um passo siquer sem que se lhe renove  
Em redor, para o honrar,  
A magnifica Festa, e que a marcha triumphante,  
Pressurosa, a um signal, prorompeu n'esse instante  
Por me verem passar.

Havia atraz de mim o ruido marulhoso  
Que a turba faz. Eu vinha adiante. E o curioso  
Era aquelle meu ar,  
Com que, máo grado todo este alvoroço novo  
Que eu bem sentia, abstracto, adiante do povo,  
Eu vinha a caminhar.



## Videncia



O triste e aborrecido desenlace  
Ha de vir amanhã, minha querida,  
Do nosso novo amor, louco e fugace,  
Que ora nos doura alegremente a vida !

A saudade ! ella e o tedio !... — Antes faltasse  
A luz aos olhos do que ver perdida  
Esta chamma bemdita que nos nasce  
Para breve a chorarmos destruida !

Ou, então, que se fosse juntamente  
A existencia com ella; pois seria  
A vida breve instante, certamente,

Mas seria a ventura! e assim, não fria,  
Mas tonta, a bocca, mas sanguinea e quente,  
De longos beijos, emmudeceria!

1888.





## Adolescencia



Mas por que ? Mas por que ? Ergue-te, oh alma!  
N'esses teus ainda timidos ensaios,  
Olha este velho, que recebe em calma  
Do sól da vida os derradeiros raios !

Tudo o que lhe sorriu pelo caminho  
Atraz ficou, extinto o que fulgia ;  
E, no meio do inverno, eil-o sósinho,  
Dos mais perante o engrinaldado dia.

Mas elle, ao seu presente e ao já fechado  
Futuro dando as costas, passa agora  
Os dias que lhe restam abysmado  
Nas lembranças dos tempos seus de outr'ora.

E dão-lhe taes lembranças, simplesmente,  
Gozos tão puros e tão verdadeiros,  
Que o fazem receber serenamente  
Do sól da vida os raios derradeiros.

Ao passo, entanto, que elle assim recebe  
Como um favor da sorte aquellas horas,  
Em convulsões que o mundo não concebe  
Dos verdes annos os teus dias choras !

Choras ! entrando como um deus radioso  
Da mocidade na feliz procella,  
Pondo o teu pé do trilho tortuoso  
Na ardente parte estrellejada e bella !

Mas nada é ainda ! A testa florecente  
Da caudal, que se alteia, brilha e abala  
Estrondeando, que ahi vem convulsamente,  
Chega, bate, ainda insiste e ja avassalla ;

Mal chegou ! Ainda vem escurecendo  
Mais paixões ! Has de ser d'ellas batido,  
Has de ceder no embate, e, assim cedendo,  
No torvelinho ver-te-has perdido !

Si, porém, conseguires d'essa noite,  
— Barco fragil, — sahir, brilhando o dia,

Si d'esse mar não te vencer o açoite  
Que a cada instante quasi te vencia ;

Tu entrarás então, desarvorado,  
Da senectude no gelado porto,  
Mas suspirando pelo teu passado,  
Venhas embora allucinado e morto !

Quando de longe nós podemos vel-a,  
Linda é esta luta, tu verás, tão brusca,  
Este bater para tirar estrella,  
Que nos parece negro porque offusca.

Então, como este velho ao ja fechado  
Futuro dando as costas vês agora,  
Tu passarás teus dias abysmado  
Nas lembranças dos tempos teus de outr'ora.

E dar-te-hão taes lembranças, simplesmente,  
Gozos tão puros e tão verdadeiros,  
Que os teus olhos verão serenamente  
Do sól da vida os raios derradeiros...

1889





## Matinas



Era tempo estival ; mas o grupo trajava  
Roupa tão clara e leve, e a manhã o fizera  
Tão disposto e jovial, que elle punha onde andava  
Notas de primavera.

Coisas simples, banaes o que vinham dizendo.  
Porêm eis que, olhar fito, e um modo muito absorto,  
Todos param a um tempo, inesperado vendo  
Um bellissimo porto.

Foi como si cada um, ante aquella grandeza,  
Sentisse o proprio ser se ampliar docemente.  
— Quando menos se espera assim a natureza  
Chama-nos de repente.

É então que a gente accorda e ergue-se em sabresalto.  
Porê, por que temer? Com seus olhos serenos,  
Ella só quer fitar um momento, lá do alto,  
Nossos olhos pequenos...

Humido ainda, da noite, estendia-se o espaço  
De um fluidico azul, muito doce, pesado;  
De dormir ainda o só revelava o canção  
N'um bocejo doirado.

Vasto, embalava o mar qualquer coisa nas vagas :  
Recordações da noite estrellejada e quente,  
Ou sonhos matinaes, que acaso tu lhe tragas,  
Aurora, lá do Oriente.

Mas o que, na verdade, a este grupo prendera,  
Pés ao chão, olhos no ar, não foi mais que o Infinito,  
Que a uma volta da estrada assim prompto irrompera,  
Quasi a lhes dar um grito.

N'elle é que todo o mundo o olhar assim perdia,  
Tão tomado por elle, elle entrando tão fundo,  
Que a alma de cada um quasi que se sentia  
Dentro da Alma do mundo!

Entretanto é preciso a verdade dizer-se :  
Entre devotos taes que assim, mudos, oravam,

Dois entes finham vindo, e era só para ver-se  
Como estes dois peccavam!

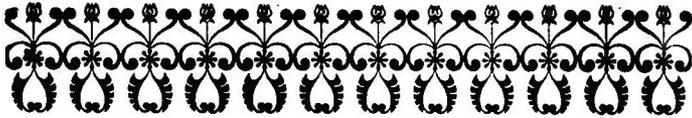
Um rapaz e uma moça, ambos muito creanças,  
Ella com olhos azues, olhos negros aquelle;  
Cheios de formosura, e cheios de esperanças,  
Elle n'ella, ella n'elle.

Nada viam ali : viam-se, simplesmente,  
Mas de maneira tal (facto estranho e exquisito!)  
Que por sua attitude acreditara a gente  
Verem outro Infinito !

... Outro Infinito, é exacto, em fina luz banhado,  
Feito de mar que sonha e de um azul que canta,  
E ante o qual é tão pio um homem ajoelhado  
Como em Igreja santa!

Oh ! tu a quem o Amor ja visitou clemente,  
É que podes dizer, coração soffredor,  
Si ha um altar mais sagrado em que se ajoelhe um crente  
Do que o altar do Amor!





## Decadencia



Eu vou perdendo totalmente quanto  
A alma de um noivo deve ter consigo.  
Murcham-se as flores, emmurchece o acantho  
Que floreciam em meu casto abrigo.

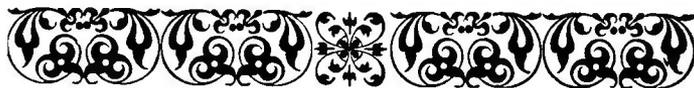
Murcha o sorriso nos meus labios. Tanto,  
A mim, que de sonhar fui tão amigo,  
Custou-me o andar sonhando, que ao encanto  
Dos sonhos fujo, como de um perigo.

Assim estou. Assim se vae levando  
Da mocidade a taça, a que esvasia  
O tel-a cheia a andar-se caminhando.

Mas tu não vens !... — Esperarás o dia  
Em que, de tudo se desesperando,  
Perdendo tudo, fique a bocca fria ?!

1888.





## Insomnia



É treva o quarto. Quietos e mornos,  
Pesa o silencio e reina em torno  
De tudo. Ansioso, só, multiplica as pancadas  
Um relógio febril; e, áquella hora, lançadas  
No fundo do nocturno e atro mutismo  
Essas pancadas, parecia  
Que assim convulsas as repetia  
Um pobre coração dentro de um negro abysmo.

É treva. Por um feio sonho  
Todo abalado, abro tristonho  
Os olhos. Vae lá no ar, fumeo e esvoaçando,  
Ainda, o meu triste sonho. E eu, eu, em sede, olhando

A treva, fico com a treva ingrata,  
Ainda adormida a consciencia  
E tendo apenas a sciencia  
De que soffro uma dôr que m<sup>r</sup> alaga e me mata.

Ai!... mil vezes assim, no emtanto!  
— Se accentuando, e crescendo, emquanto  
Do pesado torpôr a idéa despertava,  
A feral sensação d'esse, que me acercava,  
Estranho mundo não me avassallasse,  
E o sangue, assim surprehendido,  
Em jactos loucos, insoffrido,  
Como então se elançou, ai! jamais se elançasse!

« Meia noite, talvez, » murmúro,  
E qual si acaso, mal seguro  
O ouvido, eu reescutasse essa frase falada  
Em outro e estranho tom; ella bem propagada  
Ainda não era quando, pelas veias  
Febres e frios perpassando,  
E o meu cabello se eriçando,  
Do Temor eu me vi nas geladas cadeias.

Comtudo, rindo-me nervoso,  
. Na minha mente, pressuroso,  
Eu buscava fixar as idéas vasiaas  
E áridas que hebi em laboriosos dias,

Por amor de verdade atormentado,  
Quando, ao deixar nossa aurea crença,  
Meu pobres mortos, em presença  
Apenas eu me vi de um mundo despovoado...

Foi n'esse transe, n'essa enferma  
Luta do espirito, a accender-m'a,  
Mais e ainda mais, no meu sangue supersticioso,  
O escuro, maior ainda, e ainda mais silencioso ;  
Foi então que chegaste, oh! pobre amigo,  
O labio secco e entreaberto,  
Mudando um passo morto, incerto,  
A me olhar, a me olhar, querendo falar commigo!

Vieste tal qual vinhas andando  
N'aquella noite em que, deixando  
Meu ar de animação, eu a porta entreabria  
Ja com o respeito e a dôr que implanta uma agonia,  
Quando, como um espectro, a olhar tão languê,  
A lingua negra, ja sem fala,  
Á tôa erravas pela sala,  
E, me vendo, em teu seio apertaste-me exangue.

Assim chegaste! E ainda aqui tenho  
Na minha frente o traço e o cenho  
De cruel obsessão! Embalde atormentando  
O espirito, ainda agora, em insomnias eu ando,

Sem poder descobrir o que queriam  
Contar, talvez, que grande magoa  
Aos meus dois olhos cheios d'agua  
D'aquelle modo os teus revelar pretendiam !

O que?! Mas — transe inolvidavel! —  
Assim, no ar, pura sombra, impalpavel,  
Tu estavas; e eu, assim, abalado, eu estava :  
Si, porém, eras sombra apenas, era lava,  
Lava crua teu olhar... nem sei dizel-o !  
Meu olhar compungentemente  
Fitando sempre, triste, inclemente,  
Como si elle quizesse absorver-me só em vel-o !

E eu não pude! não pude mais!  
Com estertores e com ais  
Dos nervos alliviando a tensão requintada,  
Brusco voltei a face, — a palpebra cerrada, —  
Tentando achar idéas e conforto  
Que conseguissem preoccupar-me,  
E onde eu pudesse refugiar-me  
Da tua convivencia horrorosa de morto !

Tudo baldo! Si eu conseguia  
Reflectir, o que eu reflectia  
Só de ti é que vinha e só de ti falava!  
E, si aquella visão lá pelo ar se apagava,

Diferente visão, outro momento  
Da enfermidade a recordar-me  
Vinha, e muda ficava a olhar-me,  
Fria e morta, em meu triste e infeliz aposento !

N'aquella noite, como quando  
Disseste « abre! », se derramando  
Tristonho o teu olhar pela janella aberta,  
Ai! de novo te vi da camara deserta  
Olhando com saudade, e em despedida,  
Àquelle porto faiscante,  
Movimentado e deslumbrante,  
Com toda a immensa dôr da esperança perdida!

Que scena! À beira-mar coalhavam  
Barcos festivos; lestos, davam  
Prôa ao mar uns bateis na circumvisinhança;  
E ao longe, lá no azul que mal a vista alcança,  
Sobre esses velhos mundos de onde vinha  
Nos fazendo sonhar, inflada  
E branca, uma vela isolada  
Desponta, e pouco a pouco, a oscillar, se avisinha.

Via-se a doida marinhagem  
No alvoroço da manobragem  
Girando pittoresca; a industrial cidade  
Expandia-se grande em rara actividade

Erguendo rudes ondas de rumor :  
E tudo isto regorgitava  
De luz, sob a luz se agitava,  
Alto brilhando o sól no mais rico esplendor !

Eu, que ali estava te falando  
Naturalmente, procurando  
Tirar-te a negra idéa á custa de mostrar-me  
Sem preocupação, sentisse aqui forçar-me  
Ao peito muito embora atroz soluço,  
E nos meus olhos um nevoeiro  
De pranto, oh! pobre companheiro,  
(Vendo que ias morrer!) eu, sem nenhum rebuço,

Desejara poder dizer-te  
Tudo, e poder, talvez, conter-te  
Assim para esta vida! Exclamar-te : não vás!  
Fica, não creias, não, n'outro mundo fallaz!  
Pois que! olhos fechar, não ter mais gozo,  
Nem a si proprio conhecer-se  
Nunca mais, nunca, desfazer-se  
De si e por si mesmo, é acaso delicioso?!

Quem foi vida tornar-se morte?!  
Mas tu aceitas essa sorte?!  
Certo que é negra a dôr, mas bem dita seja ella,  
Que ainda é um modo de ser! Ouve-me : até n'aquella

Região onde o fogo morde eterno,  
Onde ha só penas, para terem  
A consciencia só de serem  
Pedem a vida, lá, dentro do proprio Inferno!

Mesmo ás garras da dôr, e cheio  
De afflicção, do caminho em meio,  
O espirito ás vezes pára e queda-se, em torno olhando.  
Levemente sorri, fundamente pensando.  
Nem de longe parece estar vencido!  
Embalde a dôr lacera-o, morde-o!  
Pode fazel-o com mais odio!  
Elle sorri, de tudo, a sonhar, esquecido!

E quando nós, então, só havemos  
Passado um dia, e conhecemos  
Os annos que a vida tem de mais bellos, apenas,  
(Como tu,) sem jamais sabermos o que são penas,  
Quando, na embriaguez da mocidade,  
Imaginamos esta vida  
Uma festa ininterrompida,  
Festa na qual se é rei, mais que rei, divindade!...

— Tal scena, e idéas taes, confusas,  
N'essa noite, todas profusas  
Vinhem-me, ellas e mais quantas outras passadas  
Scenas e idéas tive! E, em funebres revoadas,

Iam e vinham, a girar por voltas  
Caprichosas, aborrecidas,  
Zombando n'estas vindas e idas  
Das minhas, ante a insomnia, impotentes revoltas!

Iam e vinham! E quando ia  
Todo o bando, horrorosa e fria,  
A primeira visão novamente voltava,  
E aquelle mesmo olhar, triste e rubro, me olhava,  
Se fixando de novo em ponto certo,  
Ou vacillante, deslocado,  
Emquanto eu ia, allucinado,  
De queixas sempre enchendo o meu quarto deserto!

« Ai a vida!... ai a vida!... » Assim,  
N'esses lutas, fora de mim,  
Exclamei uma vez. Suffocando, esmagado  
Sob o peso do mundo, eu quasi allucinado  
Senti-me então! « Terrível realidade  
« Tudo é miseria! Por que a vida ?!  
« A vida é a paz interrompida!  
« Parenthese de dôr feito na eternidade!

« Tudo miseria! Reflectindo,  
« Os fios de tudo se seguindo,  
« Vê-se, no destrinçar da trama complicada,  
« Negra mão trabalhando em tudo, amaldiçoada,

« E com medo, com horror a mente sonha  
« Posta lá em cima, posta no alto,  
« Nos dominando, oh sobresalto!  
« E a sorrir, de um deus negro a figura medonha!

« E por tal ter-se amor!... » Dizia,  
E ancioso, e triste se perdia  
Por rihos taes, assim, meu espirito enfermo!  
Como uma maldição, o céu torvado e ermo,  
Sem pôr mais fim, a noite derramava!  
« Dormes? » um gallo vigilante  
A outro inquiria; e, rouquejante,  
« Como dormir aqui? » de longe outro chorava!

« Tudo miseria!... » novamente  
Eu repetia. « E ah! — dissidente, —  
« Irrisorio fugindo ao destino prescripto  
« Ante a porta infeliz do caminho maldito,  
« Onde tudo se vae grosso escôar,  
« Com a grande massa confundido,  
« N'ella arrastado e comprimido,  
« Inscio firme-se o pé, deixe-se o mais passar!...

« E o tens querido!... » fui pensando...  
Mas n'isto, lento, se enlutando  
De côr triste e pesada, inteiro o meu passado,  
Em fila processional, passando vem! Calado,

Vejo-o todo passar, eu que, si via  
    Aquelle prestito tremendo,  
    O que ja fui n'elle revendo,  
Meu proprio desfilhar phantastico assistia!

    Todo o caminho em que meus passos  
    Assentei tinha ainda os traços  
Feitos com o meu sangue; abatido e piedoso,  
A custo ia fazendo o meu trilho tortuoso,  
    Por um indigno injuriado aqui,  
    Logo impellido rudemente,  
    Ja tonto, em quanto, indifferente,  
Me olhava a multidão, que de tudo se ri!

    Todos aquelles que me cercam,  
    Embora á luz do dia percam  
Aquella feição obliqua e disfarcem os gestos,  
N'essa noite eu os vi todos mãos e funestos  
    — Esses que são os meus fieis amigos! —  
    Escusos trilhos preferindo,  
    E occultos, torpes, me ferindo  
Como os mais, como os mais sendo meus inimigos!

    Mas até vós, presos por laços  
    De sangue a mim, e cujos braços  
Caros de modo tal apoiam-me esta vida  
Que é de vós que ella vem calma e favorecida,

Até vos ali 'staveis, meus irmãos...  
E algum tambem bem o fazia,  
— Que eu percebi! — quando podia,  
Sem ser visto, fazer movimentos com as mãos!...

E, pois, eu vi que tudo estava  
Olhando soffrego, que anciava  
Tudo, em fatal conluio, esperando na estrada  
Da victima serena a vinda descuidada,  
E que, ao ver-me do mundo sobre o trilho,  
Tudo correu com sede e fome  
Para aquelle crime sem nome  
Sobre quem n'elles punha a confiança de um filho!...

Então por dentro foi crescendo  
Em mim, a todo transe, horrendo,  
O vesgo vulto do Odio! « Ah ser bom e ser manso!... »  
E espumando, e augmentando a sombra, avanço a avanço,  
Crescendo sempre foi, crescendo até...  
Até que emfim ultrapassou-me  
— O vesgo odio, — que illiminou-me,  
E em vez de mim ficou, flammivomo, de pé!!

Não vos quero dizer agora,  
Não! que instante foi o d'essa hora  
Em que eu, vencido assim, no peito me pisando  
O Odio, eu a chorar, ainda assim, affrouxando

A mão, tomado de um horror profundo,  
Me achei, por mais que o Odio forçasse,  
Insistisse, por que ficasse  
O seu punhal aqui, ameaçando o mundo!!

Eu : « não! » Elle : « Porque? » Eu : « não!! »  
— Quem me tira d'esta afflicção?! —  
— Clara corneta, emtanto, accordando os soldados,  
Retiniu matinal. E os meus olhos, pisados  
D'essa insomnia tão longa e tão medonha,  
Pararam; pois, qual si fizesse  
No som um trilho, e ahí viesse,  
Ella veiu dançando, Ella veiu risonha.

Vi-a tal qual vira-a de tarde,  
Quando, batido, errava embalde,  
Em vão cuidando achar no cheiroso caminho  
O que só encontrei com o nobre carinho  
D'aquellas mãos, onde senti surpreso  
Como um pedido e uma promessa,  
Com esta arte com que começa  
A falar uma moça antes de ter — nos preso.

Sem eu saber, a pouco e pouco  
N'este meu cerebro de louco  
Fixava-se a impressão d'aquella sorridente  
Imagem de mulher, abençoadamente,

Em meio d'esse mundo grave e vário  
A que calado eu presidia  
Por esse tempo em que eu vivia  
A vida espiritual de artista solitario.

Vendo-a sorrir, fui me acalmando  
D'aquella angustia, e mais pensando  
No dia, que, talvez, vinha chegando agora.  
Eu respirava emfim! E o sól de nova aurora  
Ainda aclarava pallido, indeciso,  
Quando afinal um pensamento  
De um outro tom, de um outro accento,  
Que entre os outros surgiu, deu-me um leve sorriso.

Pensei : « és moço; é, pois, ser forte! »  
Animando-me d'esta sorte  
Como um irmão anima outro irmão que está triste.  
E, porque tal pensasse, essa imagem que viste,  
A imagem d'Ella, divulguei mais clara,  
Ora melhor ella sorrindo,  
Eu o aperto de mão sentindo,  
E o sentindo melhor do que quando a encontrara.

Agora estava convencido  
Plenamente de que um sentido,  
Um sentido qualquer tinham esses agrados;  
E, na doida effusão dos pobres linsonjeados,

Não vendo nuvens, sem prever procellas,  
Olhei ao que é e ao que passou-se  
Cheio de um riso bom e doce,  
Dizendo : « tu és amado e és amado das bellas ! »

N'isto, porém, com aquelle vulto  
Um outro vi, que estava occulto,  
Mão no ouvido, talvez, meio se arrecciando  
Por de traz da cortina, e que então, escutando  
Aquillo que eu falara em liberdade,  
Se resolvera a apparecer-me,  
— Labios rubros, — por convencer-me  
De que o poeta dizia uma grata verdade.

Mas, redourando o escuro espaço  
Com seu perfil de fino traço,  
Veiu outro vulto, louro; ainda um outro resalta;  
Depois crea-se um novo; e d'esta vez não falta  
Mais um p'ra unir-se aos que ja estão na sala,  
Por bello grupo atraz seguido :  
Ficando-me eu, assim perdido  
Entre essa multidão, encantado e sem fala !

— Foi aquella linda morena  
Que me deu a bocca pequena  
Por amor, e eu beijei qual de um monte na fragoa,  
Por um dia estival bebe-se um pouco de agua,

Aquella, cujas faces attrahentes,  
Deixando-nos embriagados,  
Aos olhos dos enamorados  
Eram como um paiz de coisas excellentes.

Foi essa outra loura de um dia  
No qual com tanto amor eu ia  
Que quasi estava a andar com os braços abertos.  
Que ardores descobri sob a neve encobertos!  
Deu-se tal qual si eu fosse um viajante  
Que entre marmores se perdendo  
Ficasse a olhar, surpreso, vendo  
Descer do pedestal um corpo palpitante.

Entre todas as que chegaram  
E d'esse modo povoaram  
Esta memoria, eu vi, vi tambem a creança  
Primeira d'entre as mais que foi minha esperanza,  
Pela qual dispendi tão pura vida,  
Cujo nome era o meu segredo,  
— Tanto a amei, com tanto medo! —  
Sem saber que essa chamma era vã e perdida.

E, ainda arisca, veiu aquella  
Rustica filha, tenra e bella,  
De quem, rindo, gostei fora dos povoados,  
Menina que fugia a lançar uns pesados

Epithetos em mim si um beijo eu tinha,  
Caso, pedido, mas que, adiante,  
— Fora de alcance, — interessante,  
Atirava-me dois com os dedos em pinha.

Eram os mais d'aquelles vultos  
Affectos vãos, pobres incultos  
D'esses que pela estrada imos sempre deixando  
E que uma ou outra vez estamos recordando;  
Alguns olhares com alguém trocados,  
Indagando-se curiosos,  
Crentes e a um tempo duvidosos,  
Mas, inconstantes, logo a outro olhar desviados.

Ora, no emtanto, lisongeiro,  
O meu humor, tanto ao primeiro  
Como ao ultimo dava um gostoso sorriso.  
Riam e rodeavam-me. E, n'este paraiso,  
Como sem fala, e sem querer mover-me,  
Senti, senti uma caricia  
Magoada e cheia de delicia  
Ir aos poucos nascendo e no peito crescer-me.

— Subia o sól. Gallos em côro  
A cantar, com o pescoço de ouro.  
Mas subito o local faz-se parage estranha,  
E aquella tão louçã, tão garrida companha

De moças não é mais á vista agora  
Do que deusas enguirlandadas,  
Vaporosas deusas ou fadas,  
Surtas, por certo, do ar, filhas da doce aurora.

Comtudo, embora assim mudassem  
De veste, e o riso illuminassem  
De uma expressão melhor, eu ainda distinguia  
Claro essas deusas taes ; e, entre todas, eu via  
Com seus olhos azues de soberana,  
Alto entre todas collocada,  
E para mim, terna, voltada,  
Ella, que ja creara esta paixão insana !

... Em certo instante eis escapou-se  
De mim um beijo, e eis escutou-se  
Outro beijo pelo ar. Foi o transbordamento  
Da emoção ! Bom e meigo, eu, desde esse momento  
Então falei, e a todas, — mariposa  
Pousando em quanta flôr que é bella ;  
Beijci a esta, falei áquella :  
Dei cem beijos, e disse uma porção de coisa !

Pois isso é que é ser moço ! Triste !  
Triste por que, si em nós existe  
Tamanha embriaguez ? ! É horrendo o sumidouro ?  
Encha-se com azul, polvilhemol-o de ouro !

Não voltam, nunca mais, estes rosados  
Venturosos dias que temos  
Nos quaes, tão certo nós sabemos,  
Si sonhamos tambem somos nós os sonhados!

N'aquella festa ingenua largo  
Tempo passei. Porém, amargo,  
Dos pensamentos máos que ja se tinham ido,  
Cauteloso ficara, em um canto escondido,  
— A aza de fumo, — um pensamento ainda...  
Veiu... e falava confidente  
Coisa real, infelizmente...  
Então puz-me a pensar de novo com esta vinda.

Mas, não sei si porque eu mudasse  
De ar, e a ellas desagradasse,  
N'isto vi pouco a pouco irem se esvaecendo  
Essas sombras, fugindo. E eu, que as estava vendo,  
Como restassem só duas ou tres,  
Eu, vi tambem que tu partiste,  
Embora fosses meio triste,  
E ás vezes te voltando, a olhar-me ainda uma vez.

Quando, como uma flôr aberta,  
A minha camara, desperta,  
Ouvindo se mover novamente a cidade,  
Estava toda a rir cheia de claridade,

Quando morrera em toda a parte a magoa,  
Esse primeiro raio, brando  
E aureo, de sól, que eu vi entrando,  
Veiu encontrar-me triste, os olhos rasos de agua.

1889.





## A caudal



Parece-me que eu vejo a natureza  
Que leve nos inunda e nos rodeia  
Vertendo aromas, flores e riqueza,  
Como uma enorme cornucopia cheia.

Os olhos pasmos, mudo de surpresa,  
Arrojado, no entanto, o poeta aneia  
Com a impossível e assombrosa empreza  
De abarcar tal diluvio, que o estonteia.

Na perfumada e esplendida torrente  
Que ampla e sonora está se despejando  
As mãos elle mergulha loucamente.

Mas eis que n'isto se distrahe, — olhando  
Como cahe a caudal profusamente,  
Sempre, larga, das mãos lhe transbordando.

1889.





## Percamo-nos !



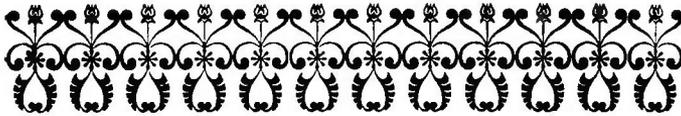
Percamo-nos, e á custa de perder-nos  
Um pelo outro, na vida feia e dura  
Hale, oh amor, por força pertencer-nos  
Um dia ao menos de real ventura !

Não um só dia ! Pode a vida inteira  
Ser luz de irradiar bello e infinito,  
Quando nos doura os olhos a cegueira  
Que o amor derrama prodigo e bemdito !

Ah! dá-me o teu amor, nos elevemos,  
E lá bem alto, sem saber de nada,  
Viver n'um beijo eterno poderemos,  
Julgando a terra em flôr e illuminada!

1899.





## A benção



Eu tenho dias de tranquillidade  
Raros e bellos, quando, emfim, descanso,  
Após a luta insana e a anciedade  
Do puro no alto céu azul e manso.

Qual si vivesse em bem diversa edade,  
Ou em outro mundo, lá do meu remanso,  
Por isto tudo, com serenidade,  
Contemplativo, a minha vista eu lanço.

E vem-me um tal sorriso, uma ternura  
Tão nova se diffunde em meus olhares,  
Quando assim vejo as coisas d'essa altura ;

Que, sentindo que cresço e que encho os ares,  
Julgo-me um deus, e então tenho a loucura  
De abençoar, bondoso, a terra e os mares.

1888.





## A alguém



Ter-se um goso furtivo, antes de goso  
Promessa apenas, se estender o braço,  
A palpitar, sedento, louco, ancioso,  
— Do abysmo á beira, sem olhar o espaço, —  
Mas, quando já se attinge o fructo de ouro,  
De vertigem tomado, vacillar-se  
Sem equilibrio, o ideal thesouro  
Vendo fugir-nos, vendo-o separar-se  
Para sempre de nós, e esse momento  
Tão fugaz, de favor, gerar tyranno  
Dias sem fim do mais atroz tormento :  
Eis toda a historia d'este amor humano !

Oh ! vida ! vida, como és tão diversa  
Hoje d'aquella que passei na edade  
Em que pude, subido, olhar da excelsa  
Mansão celeste da serenidade !  
O pranto humano agora, deploravel,  
Cega-me a vista ; esta exigente e rude  
Paixão desfez a linha imperturbavel  
D'aquella anterior nobre attitude !

E agora, para sempre, no caminho  
Dos mais eu trilharei, sedento e louco,  
Queimada a veia pelo ardente vinho  
Da paixão !

E hei de assim, a pouco e pouco,  
Me empenhando na guerra por ganhar-a,  
Mas agora raivoso de avistal-a  
Tão longe ; hei de, de certo, a curta vida  
Assim gastar, até que, sempre ardendo  
Em sede, e ao ver, emfim, — sonho ou magia, —  
O proprio fructo se me offerecendo  
Eu morrerei em um formoso dia.

1889.





## O sonho



Dcixal-os que se vão, não vás estulto  
Implorando piedade em frouxo pranto ;  
Esse amor imperfeito a ti é insulto ;  
Fica, contenha-te um orgulho santo !

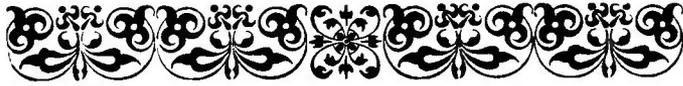
És grande, coração ! Esse tumulto  
Que a ti proprio por vezes causa espanto  
Reprime ! Guarda o teu sagrado culto  
A um coração merecedor de tanto !

À beira do caminho descansando,  
Espera : elle ha de vir lá do Oriente.,  
E si elle não viesse., Delirando

Não vás ! Virá, meu coração descrente,  
O teu amor virá lá se elevando...  
Espera : elle ha de vir lá do Oriente...

1889.





## De longe



Pudesse eu ver que aquella que em meus sonhos  
Sorria, pura e boa, amante e crente,  
Era outra que viveu n'esses risonhos  
Passados dias fugitivamente...

Acontecesse que não fosses ella,  
E, olhando, me verias, admirada,  
Ver-te a. como si eu não visse aquella  
Por quem a vida trago atormentada.

Eu antes de te achar vinha sósinho,  
Olhando em distracção para diante,  
E deixando ficar pelo caminho  
Quantas seguiam-me até eu ir distante.

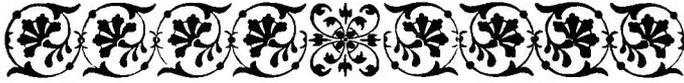
Ah! foi porque eu te vi — amante e crente.  
Que transformado acompanhei teu passo,  
E vim por todo este caminho ardente,  
Cortando atalhos, sem sentir canção.

Esse do amor, creança, engrinaldado  
Kiosque, que vemos a sonhar distantes,  
Tem o caminho todo salpicado  
Com o sangue dos martyres amantes.

E a que não pode atravessar, calada,  
Nos braços d'elles, partilhando dores,  
Não se põe a sorrir assim na estrada :  
Deixa que passem sós os sonhadores.

1890.





## Bébé



Cahe, não cahe, meio assustado,  
Mas rindo, com o braço aberto  
— Em falta de azas, — o ousado  
    Ja chegou perto.

Ha quatro dias apenas  
Que deu um passo ao acaso ;  
Vendo, foram as pèquenas  
    Contar o caso.

Desde então é aquella festa ;  
Todos o andam rodeando :  
Exibições como esta,  
    Tão raras, quando ?

O entusiasmo em lufadas  
Ora povôa estas almas ;  
Retinem as gargalhadas,  
Sôam as palmas.

Cahe, não cahe, meio assustado,  
Olhem-no, ahi vem, — braço aberto, —  
E tanto fez este ousado  
Que ja está perto.

— Gorda burgueza creadeira, —  
A mãe chama acorada...  
A andar d'aquella maneira  
É mais um nada...

Tal e qual o lenço branco  
Da esperança nos acena ;  
O trilho é largo e é franco,  
O andar sem pena...

— Chega ! Eil-o vae triumphante  
Nos braços d'ella atirar-se,  
Como um riso delirante  
Fora quebrar-se...

Mas ella foge... Parado,  
Elle põe-se a olhar a tudo...

Si ja tivessse falado  
Tornara a mudo....

Fugiu... Assim, de repente,  
Foge tudo o que se espera.  
Tudo vae-se, infelizmente,  
E é van chimera.

Em um regosijo immenso  
Os mais riem-se do facto...  
Só elle fica suspenso,  
Estupefacto...

Ficou a todos olhando...  
Mas afinal distrahiu-se ;  
E tanto riso escutando,  
Tambem sorriu-se.

Se lhe ensombraram de um lado  
E do outro, no rosto, aquellas  
Covinhas do meu peccado,  
Tenras e bellas.

Este bébé faz-me afflicto  
De tanto lhe querer bem.  
Quem o mandou ser bonito  
Não sei, tambem.

Quando elle se ri, no queixo,  
Em baixo, faz um papinho...  
Perdido ás vezes me deixo  
Vendo o diabinho !

E tenho então uns desejos  
Parece que de mordel-o,  
Vontade de só com beijos  
Ja desfazel-o.

— A mãe se põe novamente  
Lá de longe lhe acenando,  
E elle, bom, de pé, contente,  
Sorri, olhando.

Náda a boquinha cheirosa  
Em agua, que cahe por fóra ;  
Parece molhada rosa  
Da côr da aurora.

A gente de novo o anima,  
Essa que ha pouco caçoava ;  
Cada qual agora o arrima  
Com uma palavra.

Comtudo, se equilibrando,  
Elle guarda-se indeciso,

Primeiro as coisas pesando  
No seu juizo.

Meus senhores, não é á tóa,  
Podeis facilmente vel-o,  
Que á cabeça lhe povôa  
Raro cabello.

Elle é um sabio, e tão profundo  
Que, desde a sua chegada,  
Elle não tem n'este mundo  
Dito ainda nada....

Reflectiu um bom espaço,  
Abstracto, como que ausente...  
Mas, afinal, deu um passo,  
Treme-tremente.

Lá vae ! Vozeiam ! — Vozeia  
Como com este menino,  
Atraz do santo uma aldeia,  
Tocando o sino.

... Mas taes coisas não se fazem !  
Pregaram-lhe outra pirraça !  
Como no mundo se aprazem  
Com a trapaça !

A mãe se foi afastando,  
Prolongando o trilho ingrato...  
E elle não pode ! Chorando  
Cahi de quatro.

Não sei si o bebé queria  
Dizer-lhes assim se pondo  
O que só um nome diria  
Breve e redondo...

Porque é de mais ! Mas agora  
Não riem. Qual potentado,  
Que manda, quando elle chora  
É respeitado.

A mãe toma-o sobre o seio,  
Beija, abraça ; ora o requesta  
A irmã ; e o pai proprio ahi veio  
Fazer-lhe festa.

Ai que tinham esquecido  
Quem é o tyranno da casa,  
Quem pode ahi ser temido  
Quando lhe apraza !

As vezes elle ja tira  
Voz de homemzinho, do peito,

(E é então quando o pai o admira  
Mais satisfeito).

Tenham cuidado ! — Pois isso !  
Tratem-no bem, que elle, quando  
É bem tratado, é submisso  
Abdica o mando...

Olhem como ja calou-se!...  
Ah estas profundas dores !  
Onda que mal elevou-se  
Ja cahe, em flores !

No mesmo labio rosado,  
Muitas vezes, indeciso  
O choro vê-se de um lado,  
Do outro o sorriso.

— Nova folia ! Em reassomo  
O sól do riso apparece !  
Todos alegres, tal como  
Si nada houvesse !

Eil-o, o bébé, novamente  
A sorrir, se equibrando,  
Com os olhos avidamente  
Nos procurando.

Quem fala, — ha muito eu sei d'isto, —  
Não que falar para o espaço,  
Quer ser ouvido ; e ser visto  
Quem muda o passo...

Pois, meu amor, eu, si se ha de  
Os outros andar soffrendo,  
Quero estar tua vaidade  
Satisfazendo.

— Ja vem ! Signal com uns adejos  
De mãos ja deu ! (Assim, antes,  
O gymnasta atira beijos  
Aos circumstantes.)

... Mas o que foi ?! Eu o tinha,  
Palavra, por mais sisudo !  
— Levantou a camisinha,  
Mostrando tudo !

Este demonio ! Nas festas  
Em que o mettem os maiores,  
Sem esperar-se faz d'estas,  
E faz peiores.

Fique-se ahi ! Que modelo  
De bondade agora, e graça !

Mas esperem que hão de vel-o...  
A festa passa...

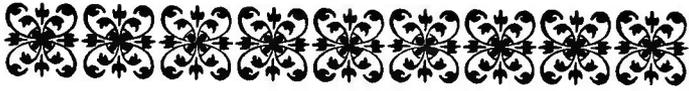
Ah não tarda que o teremos,  
Vesgo, a olhar para tudo isto  
Como nós quando dizemos :  
'stá tudo visto !

Desata então n'um berreiro  
Que põe a casa em abalo !  
E que venha o mundo inteiro  
P'ra consolal-o !

Não ha meios ! É uma cousa  
Sem igual, um embaraço !  
Nada quer, e não repousa  
Em nenhum braço.

Ninguém ! Nem eu o consólo !  
Quem sabe apenas do meio  
É a mamãi... que o deita ao collo,  
E tira o seio.

O guloso ali, afflicto,  
Se apega choramigando,  
E então, como um bezerrito,  
Fica mamando.



## A ausencia



Por mais que os dias se prolonguem, cedo  
Os que são nossos lá se vão embora,  
E quando restam poucas é que o medo  
Vem de se ouvir sôar a ultima hora.

Eu, no entanto, que o sei, eu passo ansioso  
Ante esta lei fatal que ao tempo prende,  
Marcando este pisar angustioso  
Aos dias todos que das mãos desprende.

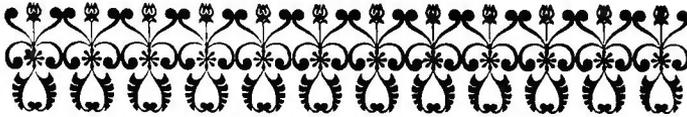
Mas estas horas como aceitaremos,  
Estas horas de ausencia e de desejos,  
Si quando estamos juntos nós vivemos  
Cheios de tanto affecto e tantos beijos ?

Amar é nunca se sentir fadiga  
Por estar perto do seu bem amado,  
É ter sede que a fonte não mitiga,  
E estando longe estar desesperado !

Eu vivo assim. E si este tempo aceito,  
Da ausencia, é porque só quando elle passe  
Chegam-me as horas de apertar-te ao peito,  
Se esbate a noite e nova aurora nasce.

1891.





## Helena



Arredondou a terra carinhoso,  
Abobadou o céu, vasto e radiante ;  
Sobre a terra por flores, copioso,  
Foi pondo estrelas pelo céu adiante.

Depois, — valle orvalhado e luminoso, —  
Ficou sorrindo todo o seu semblante :  
E este simples sorriso silencioso  
Era da Gloria a estrophe palpitante.

O tempo em vão dé' seculos se enchia ;  
Milhões de vezes transformou-se a scena :  
Esse vivo sorriso ainda sorria !

Mas tinha emfim de apparecer Helena :  
Elle fundiu-se, transformou-se um dia,  
Quando ella então nasceu, doce e serena.





## Peccados



Ja occultamos os dois mais de um segredo,  
Coisas que nunca nós revelaremos...  
Uns pequeninos crimes que, com medo,  
Mas a rir, mas felizes commetemos.

Moças e moços que me olhaes, não cedo,  
Não nos vos falo do quanto conhecemos...  
Destrinçareis vós mesmos este enredo,  
Si vos quizerdes como nos queremos.

... Vamos ! A estrada é larga e está florida !  
Si taes peccados tem esta doçura,  
Continuemos a peccar, querida !

Dizem que só quem guarda com usura  
Bellas lembranças d'isto pela vida  
Pode ir sorrindo para a sepultura.

1891.





## Mollicia



Com tanto ardor elles vinham,  
— Aquelles versos, —  
E d'esse ardor que elles tinham,  
Pelo ar dispersos,

Informes, elles, agora,  
Nada lhes resta !  
Ninguem n'este mundo chora  
Esses que, d'esta

Sombria vida fugindo,  
Sem ter nascido,  
São, novamente partindo,  
Do Indefinido.

Mas eu meus versos lastimo.  
De natureza,  
Tinham mais que os que ora eu rimo  
Graça e pureza.

Eu sou, no entanto, o cuipado.  
Presentemente  
É o meu unico cuidado  
Este exigente

Amor ; tudo o mais e deixo,  
Deixo de parte :  
Ora, morre si ha desleixo  
Tudo o que é de Arte.

Porém que não me aborreça  
Pelo crime  
E antes meu crime esqueça  
Quem não o estime.

Com tanta sede vivemos,  
Que é só de louco  
A agua fugir, si podemos  
Beber um pouco.

1891.





## As idiotas



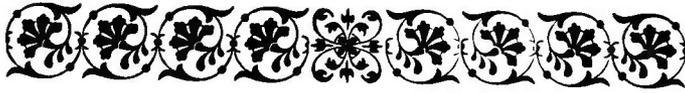
Fronte estreita, enrugada, pequenina...  
— Que afflicção em nossa alma ella desperta !  
Sem queixo, quasi, mão pequena e fina,  
Uns labios de papel, a bocca aberta !

Que paz sinistra de região deserta  
N'aquelle ser de tão estranha sina !  
Ella vagueia a vista á tã e incerta,  
Rindo do que nem vê nem imagina !

Mama-lhe ao seio uma creança. Nota  
Quem lhe vê a figura compungente  
Que é, por certo, também uma idiota.

Olham-se as duas d'aqui a pouco, e, como  
Querendo ironisar-se mutuamente,  
Uma ri, outra ri, fazem-se um momo !





## Morte posthuma



Et vraiment quand la mort viendra que reste-t-il?

P. VERLAINE.

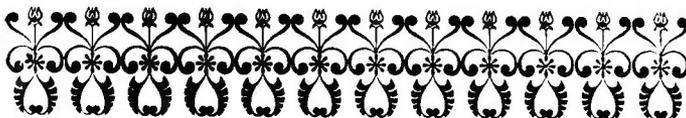
D'esses nós vemos : lá se vão na vida,  
Olhos vagos, somnambulos, calados ;  
O passo é a inconsciencia repetida,  
E os sons que tem são como que emprestados.

— Dia de luz. — Respiração contida  
Para enconral-os despreoccupados,  
Ahi vem a morte, estúpida e bandida,  
Rangendo em secco os dentes descarnados.

Mas embalde ella chega, embalde os chama :  
Ali não acha nem de longe aquelles  
Grandes assombros que aonde vae derrama !

E abre espantada os cavos olhos tortos :  
Vê que elles tem os olhos vitreos, que elles...  
Elles ja estão ha muito tempo mortos !





## Homo sum



Por que será, oh meu amor ? Agora,  
Depois que eu durmo junto de teu seio,  
Meu coração não bate como outr'ora  
Carregado de febres e de anseio.

Sou nos teus braços um convalescente,  
Graças ao bem de refrigerio raro,  
E abrindo os olhos vejo diferente  
As coisas, com olhar simples e claro.

Comparo, então, surpreso, estes meus dias  
De lucidez e calma com aquelles  
Tempos de tão estranhas travessias  
E mço o abysmo que se fez entre ellcs.

Eu julgava o Poeta com o direito  
De scr santa reliquia em plena guerra,  
E que as estrellas que tivesse ao peito  
O seu valor marcasscm sobre a Terra.

Que os barbaros fugissem confundidos  
Por caminhos espessos e medonhos  
Vendo-lhe acaso os hombros revestidos  
Do grande manto feito de seus sonhos.

Que ellc pudera residir sereno  
Nas regiões ideacs, de onde se avista  
Este mundo em que estamos tão pequeno,  
Preoccupado com tão vã conquista.

Hoje, que teu carinho me adormece,  
Eu de tal modo me apequeno e humilho  
Que muitas vezes quasi me parece  
Scr o teu louro e pequenino filho.

Habito a Terra. E como toda a gente  
Vivo na obscura e incalculada lida

Em que os homens se empenham surdamente  
Para ganhar o negro pão da vida.

Por nosso amor me despenhei em baixo,  
Mais velozmente do que fui subindo,  
Mas agora; que assim o exício eu acho,  
Olho pr'ra o alto e fico-me sorrindo...

1892.





## O bom mendigo



Vae tão humilde ! Nem parece  
Ser um homem a caminhar.  
N'esse passo, certo, anoitece  
E elle não sabe onde ha de dar.

Vêde, emtanto, tremulo e doente,  
Ainda — é estranho ! — vae a sorrir ;  
Mas n'esta vida sorri sómente  
Quem sabe ao certo aonde ha de ir...

È que lhe fala dentro d'alma  
— Quem sabe? — alguma occulta voz.  
Ella lhe dá talvez a calma  
Que não existe em todos nós.

Oh ! certo, fala ! Humilde, manso,  
Com as injurias que soffre um réu,  
Caminha só quem o descanço  
E a paz espera lá do Céu.





## Boa nova



Como si fosse por um terramoto,  
Eu tinha ha pouco tempo a alma abalada :  
A voz de um mal a tanta gente ignoto  
· Carpia dentro em mim descompassada.

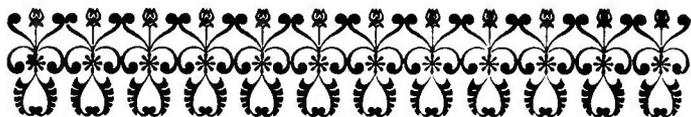
D'esse tempo, a que horror surdo eu devoto,  
Emfim já não me resta quasi nada,  
Todos vós que me vêdes, como eu noto,  
Notacs esta mudança inesperada.

Hoje, então, minh'alma abriu torrentes !  
Nunca em mim eu senti pulsar-me a vida  
Assim em pulsações tão eloquentes !

Ainda este fogo nos meus olhos brilha !  
— Talvez já fosse a nova presentida :  
Hoje nasceu minha primeira filha.

1892.





## Estrella



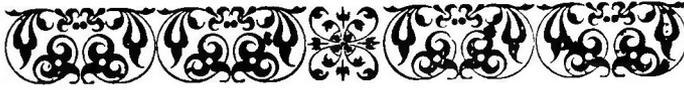
— Que procuras no céu, calado e aváro ?  
Nos meus olhos — mentindo-me disseste —  
Achavas outro céu, sereno e claro,  
Que de uma luz mais meiga se reveste.

— Vejo as estrellas, vejo-as e comparo,  
Correndo toda a aboboda celeste.  
Quero encontrar um mundo estranho e raro :  
A branca estrella de onde tu vieste.

— Mas como podes distinguil-a, quando  
Ellas são tantas, tantas, e si, ao vel-as,  
Nossos olhos perturbam-se, baixando ?

— Guia-me os passos uma fé segura :  
Ha de ser d'entre todas as estrellas  
A illuminada de uma luz mais pura.





## Sagesse



Vendo estas duas creanças,  
— Meu coração bipartido, —  
Eu não me deixo perdido  
Ir vagando entre loucas esperanças.

Não as sonho nem rainhas  
Nem deusas de mundo estranho ;  
Quasi que são do tamanho  
D'ellas as pobres esperanças minhas.

São humildes e cortadas  
De um modo medroso, estreito.  
Contas tão arrazoadas  
Não sei de um outro pai que as tenha feito.

Dá-se um contraste completo  
Entre essa medida avára  
E a extensão do meu affecto,  
Cujó limite em vão se procurara.

Como tantas tem crescido,  
Quero que cresçam viçosas,  
Como açucenas e rosas  
Tem aos montes nas varzeas florecido.

Qual si fosse um pallio aberto,  
Que eu possa, apenas, seguil-as,  
E vel-as sorrir tranquillás,  
Fechando os olhos e trilhando certo.

Que eu seja o tendal passivo,  
Ellas o liame viçoso,  
E eu viva a vida captivo  
Sob esse peso meigo e delicioso.

Depois, — o mais é baldado !  
Que sigam a sua sorte,  
Como eu segui resignado  
O meu singelo, meu obscuro norte.

Teremos de ver mudanças  
Com os annos, naturalmente :

Si são filhas no presente,  
Hão de ser mãis mais tarde estas creanças.

E os votos que eu hoje faço  
Por ellas, simples, risonhos,  
Hão de ser, traço por traço,  
Pelos meus netos seus ardentes sonhos.

Cuidados, magoas, pequenas  
Ou graves, que experimento  
Creando-as, virá o momento  
Que ellas tudo terão, magoas e penas.

Pois seja assim ! Sem ruido,  
Como á noute se repousa,  
Já então n'uma fria lousa  
È possível que eu tenha adormecido.

Mas quem ficar n'este mundo  
E queira andar consolado  
Não viva nem um segundo  
Sem um affecto que lhe dê cuidado.

1894.





## Soneto branco



Azas brancas de branca mariposa,  
Filhas da lua, petalas aladas,  
Entrae : toda esta casa já repousa,  
Ereis por mim, apenas, esperadas.

No alvo luar, ahi fora, ha qualquer cousa  
De esponsaes, que dirigem brancas fadas,  
Solemnidades que turbar não ousa  
Nem o sopro das auras mollentadas.

Dormem virgens sonhando. Brancos sonhos,  
Sonhos castos e vagos são aquelles.  
— Azas brancas, n'esta alma andam risonhos

E vagos sentimentos a falar.  
Fecundae-os, casando-vos com elles,  
Dae-me um sonho tambem para eu sonhar.





## Flôr morta



Quando ella passa a luz empallidece ;  
Flúe do sól morto clarão de lua.  
Como um alfange, o seu andar parece  
Deixar a estrada solitaria e núa.

Esse estuario humano que ella emfrenta  
Inteiro volve os olhos para vel-a,  
Mas lembra-nos deserta estepppe attenta  
À luz enferma de isolada estrella.

E serena ella vem, creando um sonho  
De cabeça pendida, casto e sério,  
Mortuario, mas branco, mas risonho,  
Um sonho angelical de cemiterio.

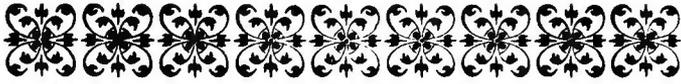
Parece a Morte, mas ennobrecida,  
Morte que só faz bem, que, piedosa,  
Traz aos velhos a paz appetecida,  
Poupa a creança, não regela a rosa.

Tem a graça secreta do esqueleto  
Armado na melhor das attitudes.  
De seus olhos nos vem um fluido preto  
De olhar isempto de vicissitudes.

Uma rainha de região deserta,  
Onde tudo se fez tumulto e cruces.  
O passo, de tão leve, nem desperta  
Dos fogos fatuos as aládas luzes.

Ahi vem, somnambula. Os seus magros braços  
Parece que se alongam de repente  
Nas mangas brancas de refolhos lassos  
E que nos chamam funerariamente.





## As tres graças



Eu tenho em casa trez Graças :  
Clio, Otilia, Aydê, — são trez.  
— Borboleta que esvoaças,  
Estuda-lhes a graça e a candidez.

Somos velhos companheiros,  
Eu e as mais velha, que é Aydê.  
Da vida dias inteiros  
Ella vive a ensinar-me o A B C.

E eu fico mudo, suspenso  
D'essa boquinha do céu :  
À seria, por vezes penso  
Que a estes meus olhos é que turba um véu.

Ella tem-me até provado  
Que é falso que exista o Mal :  
Basta eu ver inesperado  
Surgir-me o seu rostinho angelical.

Eu penso : é que certamente  
É mais justo andar-se assim  
— A alma a sorrir, muito crente ; —  
Não sorri este ser, confiado em mim ?

Quem sabe si os das creanças  
Candidos olhos não vêm  
Em tudo (digo) aureas nuanças  
Que nós não vemos, mas que as coisas tem ?

E assim, em scismas perdida,  
Fica minh'alma a cantar.  
— Lá fora ruja a outra vida !  
É um céu aberto o meu ruidoso lar !

Nem sempre, porêm, sósinhos  
Podemos estar, em paz.  
Em quasi todos os ninhos  
Se alvoroçam dois filhos, dois ou mais.

— Ah! vem a Ottilia !... Não fala  
Claro e corrente, ainda não !  
Porêm o que a lingua cala  
A face e os olhos a dizer estão !

Esta é o alvoroço ! esta é a vida  
Em flôr ! Esta é o meu jardim !  
É ella chegar e em batida  
Partir-se, alácre, por silvaes sem fim.

Latadas de frescas rosas,  
Amoras, jambos, romãs,  
Aromas, sombras saudosas  
Ella recorda, e edénicas manhãs.

Um bucolismo innocente,  
De outras Esphas, ethereal,  
Onde o passaredo ardente  
É de ouro e tem ondas de prata o val.

E ahi vamos os tres no sonho  
Que de uma d'ellas floriu.  
O nosso rancho é risonho ?  
— Onde ha creança um Paraiso abriu !

Perfeita illusão ! E tanto  
Que, emfim, eu julgo parar  
De uma alfombra sobre o manto  
E esquecer-me das duas a pensar...

Não sabem ellas que eu penso  
Na Clio... — Sabem-no os pais :  
Nosso coração é immenso,  
Nenhum filho entre os filhos é de mais !

Esta veiu ainda outro dia...  
Nem eu guardo os traços seus.  
Ainda em vão ando em porfia  
Por ver seus olhos a sorrir nos meus.

Parece que ainda vacilla  
Entre um mundo e outro rival.  
É como luz que scintilla,  
Mas sem saber de onde será fanal.

Como que ainda a esperamos,  
— Fadas á porta á cantar  
« Buenas dichas », que nós vamos  
Fazendo ainda mais bellas a sonhar.

No entanto, com esta eu sinto  
Ir-me a subir... a subir  
Para esse mundo indistincto  
De que ella acorda, aos poucos, a sorrir...

Mysterio, por que arrebatas  
E nos esmagas assim ?!  
— Oh! alma, que te desatas  
Da terra, vòa intrepida ao teu fim!!...

— Ah!... estas duas creanças...  
Pallidas que ellas estão!...  
Mas, si não falham lembranças,  
Nosso rancho era alegre e folgazão!...

— Lagrimas ? De onde vêm ellas ?  
Por que assim os olhos meus ?  
— Ah! Destino, o que nos velas ?  
— Louras creanças, vos proteja Deus !...





## A visita



Vemo-nos face a face. Incendidos, magoados,  
Como no eclipse o sól, são seus olhos funéreos.  
Ella tem mãos de lobo. E os dois globos parados  
Ficam no meu olhar, melancolicos, sérios.

Cabeça ao alto, emtanto, ares transfigurados,  
Em silencio feral, deusa dos cemiterios,  
Olho-te. Mas vêde : audazes, rebellados,  
Andam no meu semblante uns sorrisos aéreos.

Emfim... emfim se esvae ! Finalmente desfêito  
Vejo o negro phantasma. O coração eu sinto,  
Ora, qual pedra bruta, estacado no peito.

Tenho, e percebo emfim, criçado o cabelo,  
Covas fundas na face, o sopro quasi extincto,  
E o corpo na algidez de uma estatua de gelo.





## Dolencia



C'est moi. J'ai fait un long voyage  
Au tour du monde que je suis.

P. VERHAEREN.

Tu vês, eu chego cansado  
De andar por longos caminhos :  
Faze um leito de paz de teu cuidado,  
Arma uma tenda feita de carinhos.

Não trago suor na fronte,  
Mas meus olhos lacrimejam...  
Não perguntes que ponto do horizonte  
Eu vi, e os trilhos que eu tomei quaes sejam...

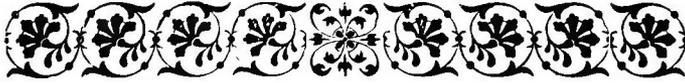
Na minha testa, tão quente,  
Põe tua mão, branca e fria,  
Como se faz a alguém que está doente,  
Como, affectuosa, minha mãe faria.

Assim ! O espirito agora  
Aos teus cuidados entrego.  
Vae-te com elle pela estrada a fóra,  
Como si fosses conduzindo um cego...

Transforma em rêde de affecto  
Meu leito, e leve o embalança ;  
Com um pouco de illusão, calmo e quieto,  
Talvez eu durma um somno de creança...

Vem sem suor minha frente,  
Mas meus olhos lacrimejam...  
Não perguntes que ponto do horisonte  
Eu vi, e os trilhos que eu tomei quaes sejam...





## Filha morta



Crocitando, n'um vento de loucura,  
Veiu a desgraça me bater á porta !  
Ao berço immovel de uma sepultura  
Mandei agora minha filha morta.

Não sabe um pai o que é ser pai emquanto  
Os tem aos braços, descuidado e crente ;  
Sabe o que é amal-os, pallido de espanto,  
Quem vê que é pai para os chorar sómente.

Exanimes cahirem-nos na estrada !  
Do céu em vão pedirmos a clemencia !  
É de luto cobrir toda á jornada,  
É transformal-a n'uma penitencia.

Porque um pai, quando entrega um filho á Morte,  
Faz-se um homem-cypreste. Mata os passos.

Aonde quer que o destino nos transporte,  
Vamos levando o seu caixão nos braços !

Os filhos são para nos pôr ao peito  
Piedosamente as duas mãos cançadas,  
Para, fechando-se o caixão estreito,  
Alguem sentir as palpebras molhadas.

Não é irem tão pallidos sorrindo,  
Como tu foste, minha filha, ha pouco,  
E um pai ficar o prestito seguindo,  
N'este sorriso tragico de louco !

Elles então ás vezes vêm sómente  
Espreitar quando estamos descuidados,  
Para ás mãos nos fugirem de repente,  
Apavorando uns pobres desgraçados ?!

Não vale ter um coração piedoso,  
Em nossos filh<sup>os</sup> adorar o Céu.  
Esse amor, tão humilde, é máo, é odioso,  
Como o crime nivela-nos a um réu !

Eu sei que o soffrimento é a unica escada  
Que entre os astros do Céu e a Terra oscilla.

Que a Dôr é que nos ergue abençoada,  
Fazendo um homem de uma pobre argila.

Mas a angustia não lessemos na face  
D'estes seres angelicos, ao menos,  
Nos seus hombros a Dôr não balançasse,  
Elles sendo tão frageis, tão pequenos !

No tragico silencio em que padecem  
Olham á gente com tão grande espanto !  
Interrogar-nos como que parecem  
Qual o motivo por que soffrem tanto !

E fica o pai, com o pisar de um lobo,  
Vagando inutil em redor do leito,  
Sorrindo á tôa, como um triste bobo,  
Quasi a arrancar o coração do peito !!

Ai esta dôr ! Não pode haver no mundo  
Coração que a receba resignado !  
Ella revolta o proprio Céu profundo !  
— È a dôr horrivel do ludibriado !

Irrisorios simulacros inuteis  
De protecção — vê-se, afinal, — nós somos !  
Contra aquelle martyrio vãos e futeis  
São todo o pranto ou todos os assomos !

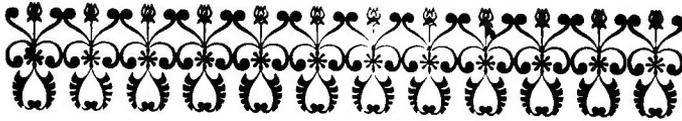
Estes seres — que não nos cause assombro, —  
Uma missão ja tinham confiada...  
Elles vêm para a mão pôr-nos ao hombro,  
Mas justamente quando está gelada !

Vem accordar-nos para o negro trilho  
Com seu funebre e tacito carinho !  
— É só depois de se perder um filho  
Que a selva escura vemos do caminho !

É preciso, no entanto, ter coragem,  
Olhar para si proprio resoluto,  
Aceitar o bordão, sacco e roupagem,  
E não tremer-se vendo o céu de luto...

1897.





## Incoercíveis



Formas angelicaes... nuanças esquivas  
Da côr, do brilho... espirituaes sorrisos,  
Passam em theorias suggestivas,  
Como revelações de paraísos...

Anneis entre grinaldas, e, captivas  
D'essas grinaldas, fronte de indecisos  
Seres... — Ah! quanto sonho as chammas vivas  
Nos trazem, d'esses dias imprecisos !...

No entanto, em vão esperareis que um dia  
Pagina estranha, radiante e bella  
Palpite d'esses sonhos e sorria.

Ah ! muito em vão ! Tão melindrosa é ella,  
A vida que elles tem na phantasia,  
Que n'este mundo nunca se os revela !...





## A Cruz e Souza



Não gemem na minh'alma arias langues de morte,  
Antes vibram clarins e ha alvorotos de guerra ;  
Sómente, um tal tremor faz-me vibrar tão forte  
Que eu sou, todo, um soluço a anciar sobre a Terra !

Não ! os que, como tu, morrem sacramentados  
Com a Extrema-Uncção da gloria, e andaram, imoilutos,  
No casulo do Sonho, esperando, calados,  
A Vida após a Morte, a Pompa Real nos Lutos,

Não nos fazem pensar na frialdade ao peito  
De uma lage medonha, ao cahirem exhaustos :  
Vê-se n'elles o gesto augusto de um Eleito...  
Ouvem-se hosannas no ar, abrem-se céus em faustos !

Lembra ! quando, em redor, tudo, tudo aluia,  
O Mundo e as Almas, ante um occaso tremendo,  
Si no roxo calar da Tarde se entre-ouvia  
O cataclysmo vir, como um louco, gemendo ;

Lembra que eramos dois a sorrir serenados,  
Vendo a Morte chegar como chega uma irmã ;  
Aos seus braços de mumia até o mundo alongados  
Ficavamos a olhar sem covardia vã.

Fui eu, talvez, fui eu quem te levou para ella,  
De outro modo de ser a volupia te dando,  
Quando, como uma vela acompanha outra vela,  
Nossas almas na Terra iam peregrinando.

Talvez por minha voz amiga e o meu carinho  
Falassem-te a voz d'ella e suas mãos de gelo,  
No meu amor, talvez, te fez ella o caminho,  
Tão florido que tu ficaste a ancianar por vel-o.

Mas é que, assim seguindo antes de mim, levaste  
Para longe, sem dó, o marco dos meus passos ;  
Tenho de ir e de vir onde estás, onde andaste,  
Porque são meus os teus e são teus os meus braços !

Depois, hoje em teu vulto eu já não acho aquelle  
Ar humano que faz nossa tranquillidade

Aqui na Terra triste ; um resplender ha n'elle  
Que assusta, e assusta mais tua serenidade !

Os teus olhos, tão bons para mim, tão piedosos,  
Cujos affectos nimbava o meu ser só de luz,  
Perderam a clemencia antiga, e, perigosos,  
Me attrahem agora como um abysmo seduz !

A tempera, porém, da vida é a propria morte  
Que apura, é o fogo audaz das desgraças supremas.  
Quanto maior a voz mais cerrada a cohorte  
Dos que deixaram n'ella as palavras extremas.

Antes chorem por ti as almas peregrinas,  
Debeis e sãs que amaste e que te amaram tanto,  
De que eras tu o tecto, o repouso e as matinas,  
Almas de que eras a Alma, enternecido e santo.

A vida junto a ti tinha sempre outro aspecto,  
Era mais vasta a Terra, o Céu mais alto arqueado,  
Porque tudo o esto teu transmudava secreto,  
Contagioso bem, Lovelace sagrado.

Antes chorem por ti esses seres obscuros,  
Verdes grotas da Dôr, que tua alma, lanceada,  
Amou, chorou, sondou em mergulhos seguros,  
— Pobres pobres da rua, ébrios tristes da estrada.

Todo o soluço vago, anonymo, incoercível,  
O soluço sem voz e sem echo, que vem  
De origens sem historia, esse ancian terrível,  
Duplo por não se ouvir, — tempestade de além, —

Tu sentiste em tua alma e puzeste em teu Verso,  
D'esse cahos foste a luz, foste a expressão sangrenta,  
Tu, que d'elle vieste e andaste n'elle immerso,  
Flôr do abysmo, que a Dôr fez abrir opulenta !

Antes mudem de côr os Yagos que odiaste,  
Hoje que és um phantasma incorporeo a seguil-os !  
No circulo de praga em que os asphixiaste  
Como convulso e livre has de agora zurzil-os !

Vejo-os, vesgos, fugindo, e, verdes, tiritando,  
A se esgueirar de medo em obliqua escapúla  
— Grandes lesmas do Mal sob o Bem se occultando, —  
Mas ouço a tua voz, que implacavel ulula !

Alma convulsa e torva, e esses gnomos pelludos,  
Meio mal, meio nada, esses fructos violentos  
De movitos fataes, monstruengos ventrudos,  
Lembrando podridões nos lassos movimentos;

Esses — pasmo de ver! — ainda langues voejam,  
Cheiropteros da luz, sem te ouvir a risada

Implacavel de morto, e mesmo sem que vejam  
Junto d'elles, fatal, tua sombra parada!

Mas ah! si a quanto é vil fora melhor jamais  
Teres passado aqui sobraçando uma lyra,  
Levando um sonho augusto em teus olhos leaes,  
Fonte de teu amor e razão de tua ira;

Como deve chorar a Natureza inteira,  
A que, de tanto amor, te entregaste vencido,  
No encanto e soluçar d'aquella vez primeira,  
Quando uns braços, emfim, nos recebem perdido!

Mar, oh! « passaro verde » e estranho, formidavel  
Ave da Solidão, só para o Céu cantando,  
Como elle soube ouvir tua voz, amovel  
Quando ao forte que é triste acaso estás falando!

Que ancia sã, primitiva, elle sentia ao peito  
De accordar na alva praia e dormir ao teu lado,  
De se fazer tritão e viver, satisfeito,  
Por teu rico orchestral nas grutas embalado!

E os navios no mar, velejando graciosos,  
Que andavam-lhe a fugir como seus proprios sonhos!...  
Logo após a explosão de passaros airosos,  
Como beijos em chusma ou affectos risonhos!...

Campos de paz, da Biblia, ou milharaes, e as eiras,  
Onde a faina e a cantiga entrelaçam-se irmãs,  
Camponeas e aldeões de rusticas maneiras,  
Duras fronteas, senis, faces rubras, louçãs...

Elle os via em longinqua, em antiga paisagem!  
Amava-os de um amor que já não é do mundo,  
Como um Deus ama a um ser, ou o devoto á imagem,  
Delirando, a sorrir, por um sentir profundo!

A Cidade a agitar-se, as Egrejas, os Portos,  
— Estes dando p'ra o Mundo, aquellas para Cima —  
O nada da Cidade, — a miseria e os confortos, —  
Elle tudo viveu e reflectiu na Rima!

Manhãs finas de maio, em que na ermida canta  
Um sino de ouro e ha na alma outro sino a cantar,  
Porque a Terra flori, e a Esperança levanta  
Ermidas de Illusões dentro em nós a sonhar!...

E essas Tardes de lenda, aromaes e saudosas,  
Tardes de paz, de amor por tudo o que é remoto,  
E é puro sonho, e é da Alma, horas miraculosas  
Das castas Intuições, em que só fala o Ignoto;

Oh! Tardes sem igual, céus tocados de magoa  
Angelus a soar como uma litania

Do Céu, preces na Terra, olhos que se enchem d'agua,  
Expirar... aspirar... fé... fervor... agonia...

Ah! Occasos e Manhãs! ah! Mystérios e Sonhos!  
Quem melhor vos sentiu sobre a Terra ajoelhado!  
Tudo era fogo e amor nos seus olhos tristonhos,  
Tudo devotação, n'esse negro abençoado!

Tu, oh! Noite Real, de asiatico manto,  
Que revestes de pompa as nudezes gloriosas,  
Que sustentas de paz todo o Orgulho que é santo,  
E com Promessa Augusta as Missões Perigosas!

Fala, Noite, por mim, d'aquelle Grande Affecto!  
Selvagem que te amou como se ama uma tenda,  
A ti, Seio da Paz, do qual, morno e quieto,  
Elle ficava a olhar para a Vida tremenda!

Ah! e então, piedosa Noite, eras toda carinho,  
No silencio a falar-lhe e em todos os murmúrios...  
Era bem o teu filho, eras bem o seu ninho...  
— Andavam, lá pelo ar, uns estranhos augúrios...

E eil-o, feliz, sonhando!... — O teu manto sagrado  
Era d'elle! Em umbella arreiava-se o céu!...  
— E elle errava sósinho, a dormir accordado,  
Poeta de um sonho immenso e d'esse sonho réu!...

Oh! luas que elle amou, luas de ouro e de prata,  
Fino alfange a ceifar as rosas das Esphas,  
Ou face opiada e velha, — aérea, antiga sonata,  
Chegando de vagar, lá de passadas éras...

Luas de esto tão casto, alvas de tanta magoa,  
Jarras brancas de jaspe em que o jasmim florece,  
Como a espuma do mar canta e flori na fragoa,  
Caçoulas de que o aroma antes sonho parece!...

Que balladas de amor lhe inspirastes, tão novas!  
De que mago sentir o segredo lhe destes,  
Que elle viveu por vós na colheita das trovas  
Mais ricas que cantou, mais brancas, mais celestes!

Quantas vezes sua alma errou tremulamente  
Nos philtros do luar, estudando o Mysterio,  
Vendo passar um Anjo... uma Virgem gemente...  
Depois d'um Ephialto um cantico funereo!...

Ah! como lhe era real o ideal d'esse mundo  
Que é todo fugitivo e que é todo recato!  
Elle andava a sorrir, em um sonho profundo,  
Do invisivel a ver todo esse Encanto Abstracto!...

Eil-o, emfim, que se foi, como um galé liberto  
Que vivera algemado em caverna infernal,

Adivinhando com a alma um mundo que bem perto  
Sonóro se movia á luz de um sól jovial!

Anda, talvez, ainda, e estas horas ouvindo  
A musica ethereal das primeiras Esphas,  
Cheio de embriaguez, preguiçoso dormindo,  
Respirando o olôr de eternas primaveras!

Que caudal de poesia ora verter não ha de  
D'aquelle peito de ave! Ah! talvez lhe pareça  
— Tal é sua ancia! — breve a propria Eternidade  
P'ra quem do Grande Amor viva, goze, e padeça!

Vieram voando indicar-lhe o caminho offuscante  
Grandes Anjos de esbelta e de augusta presença,  
De clamydes de prata e broquel em diamante,  
Seres que elle sonhou em sublime doença.

Ah! não os vê, não sente uma angustia amorosa  
De os divisar tão longe, — integros e perfeitos, —  
A alma que não anceia, isolada e queixosa,  
Entre estes corações tão pequenos e estreitos!

Repousa, emfim, repousa, embalado no Affecto  
Que procuraste embalde encontrar sobre a Terra!  
Achaste teus irmãos, te abrigaste em teu tecto,  
Depois da mais augusta e da mais santa guerra!

Mas eu irei falar-te, ainda assim! Não vacillo,  
Bem sabes, quando vou por amor caminhando.  
Este soluço ainda hei de domar! Tranquillo  
Has de me ver sorrir, mesmo embora chorando!

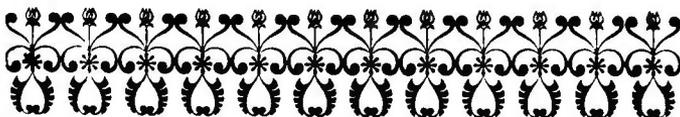
Tu tambem, onde estás, terás pena e cuidado  
De quem amaste aqui! Has de vir para vel-os  
N'essas horas de occaso em que tudo, magoado,  
Volta-se para o Além, tremulo, a ancian de anhelos!

Has de vir! has de vir! N'este embate e perigo,  
Que mais ardor nos põe quanto mais rijo e fero,  
Tua sombra andarà para sempre commigo,  
Serena, ou a clamar, como um deus dos de Homéro!

Depois... cedo virá ensurdecer-me um grito...  
Me hão de todo invadir uns extremos canções...  
Nossas almas, então, « perdidas no Infinito »,  
Hão de trocar, p'ra sempre, « os immortaes abraços »!

Março de 1898.





## Alma mater



Alma anciosa, de abranger a Terra,  
Alma cheia da dôr da Natureza,  
Alma que ao Homem e à alma d'elle encerra,  
Como uma pomba sob outra aza presa;

Alma em que o Affecto é lua, em que a Pureza  
Tem o altar, onde, emtanto, se descerra  
Para a Culpa, que é a filha da Tristeza,  
O sacramento do Perdão sem guerra.

Oh! alma de minh' alma soluçante,  
Fundo d'este meu fundo entristecido,  
Oh! sól de minha sombra vacillante!

Raia em mim, que de mim ando perdido,  
E n'essa tua luz, pura, radiante,  
Eu adormeça então, mudo, esquecido!





## Os Versos



Versos... são candelabros que se tocam  
Tirando estrelas do cristal ferido...  
Oleo de que perfumes se deslocam,  
Estranhos, n'um vapor vago e fluido...

Bergantins marchetados de ouro e prata  
A balouçar n'um mar sonoro e ardente, ]  
Que todo em nenuphares se desata  
E em ilhas verdes, infinitamente...

Versos... largas cadeias de diamante,  
Lançadas de um extremo a outro da Terra,

Para pôl-a risonha e soluçante,  
— Aureas grilhetas de amorosa guerra...

Flores do Desespero, doloridas,  
Lirios feitos de sangue, transmudados,  
Sob o ardor das insomnias homicidas  
Qual de um *punch* á luz verde germinados...

Versos! que alma sonora e tumultuosa  
— Céu em que os astros chocam-se cantando —,  
Que alma grande, alma nobre, alma anciosa  
Não vos anda risonha procurando?

Dos Eleitos vós sois os mensageiros!  
Canta, por elles, florecente a rima,  
Por elles mergulhaes, philtros traiçoeiros,  
As almas n'uma embriaguez opima.

Adernando-vos leves e graciosos  
É que o Poeta arrebatá e nos transporta  
Para aquelles paizes fabulosos  
Do Sonho, abrindo ao Infinito a porta.

Não pode alguém se libertar dos laços  
Sob os quaes o tenhaes escravizado  
Emquanto lhe rythmar, sonora, os passos  
A grilheta de um verso terso e ousado.

Ah! toda esta ancia que nos arde ao seio,  
Todo este fogo que nos queima a bocca,  
Se revela das formas n'este aneio,  
N'esta soffreguidão absurda e louca.

Porém, si nós pudessemos apenas  
Abrir os olhos, dominar o Mundo,  
E em attitúdes nobres e serenas  
Mostrar-lhe todo o nosso estranho fundo...

Si sem palavras se dissesse tudo,  
N'um ardor, n'um cantar vivo e directo,  
Fora melhor que se ficasse mudo :  
Era mais simples e era mais completo...

1897.





# Prometheo

(PHANTASIA BASEADA NA TRAGEDIA DE ESCHYLO)



PROMETHEO (*encadeado no Caucaso.*)

Mas o que é? Como que ouço um tremulo arruido  
Agora. E ha tambem um perfume esparzido  
Aqui em torno, parece. A mim, porêm, quem ha de  
Ora se abalançar, homem ou divindade,  
Por um affecto heroico? É talvez um ocioso  
Que quer na minha dôr encontrar o seu goso.  
Mas venha, em todo caso, e n'este amaldiçoado  
Por tanto amar, que foi seu unico peccado,

Veja como de Zeus se reflecte a doçura !  
Agora, porém, divulgo, ora o ouvido apura :  
Azas ahi vêm batendo, este ruído é de aves,  
O ar inteiro em redor tem gemidos suaves...  
Mas por que no pavor meu coração desperta  
Si se aproxima alguém d'esta rocha deserta ?...

CHEGAM AS OCEANIDAS (*coro*) :

A voz do terror não sigas,  
Somos da paz mensageiras,  
São nossas azas ligeiras  
Azas velozes de amigas.

Chegaram ás verdes grutas  
Profundas os retinidos  
D'essas cadeias tão brutas  
E o echo dos teus gemidos.

Para vencer os temores  
Do velho pai, o Oceano,  
Tivemos trabalho insano,  
Gastamos beijos e flores.

Mas por fim nas leves azas  
D'este carro, — bando inquieto, —

A essa dôr em que te abrazas  
Trouwemos o nosso affecto.

PROMETHEO

Vêde, filhas do deus dos tritões e dos ventos,  
Das algas e coraes, vêde vós meus tormentos !  
Filhas de Thetis clara, em Prometheo se ensina  
Como é que um deus é deus si outros deuses domina !

OCEANIDAS (*coro*) :

O teu soffrimento é tanto  
Que os corações quasi parte ;  
Vê através de que pranto  
Estamos a contemplar-te.

No Olympo esse Zeus agora  
Poz uma lei insensata :  
Para viver elle mata,  
Para elle rir outrem chora.

PROMETHEO :

Antes houvesse aberto as entranhas da Terra,  
Eo Tartaro lethal, esse que aos mais aterra,

Me abrigasse, uma vez que estas duras cadeias  
Não me deixam viver! Morte é o mesmo que peias!  
Furtaria-me assim ao escarneo, ao motejo  
Dos mais. Na condição horrída em que me vejo  
Dos inimigos meus — graças, Zeus, devo dar-te! —  
Contra mim mesmo eu sou o joguete-estandarte!

OCEANIDAS (*coro*) :

Mas quem a Zeus acompanha ?  
Entre os mais deuses quem ha de  
Rir de ignominia tamanha  
Imposta a uma divindade ? !

A fraqueza tem por sorte  
Gerar sempre a tyrannia;  
Mas chega tambem o dia  
Do fraco vir a ser forte.

PROMETHO :

Ah! e em verdade o hão de ainda ver, mãos atadas,  
Impotente, ficar lá nas plagas sagradas!...  
Esse mesmo a quem hoje o meu mal pouco importa  
Ainda, sabej, um dia ha de bater-me á porta !

Sem corôa real, de um accordo mendigo,  
Ha de então ser bom Zeus, me ha de chamar de amigo.  
Mas ahi nem que venha elle mesmo quebrar-me  
Estes ferros crueis e venha lisonjear-me,  
Nem que baixes assim de supremo que tu és,  
Zeus, eu te livrarei! Has de beijar-me os pés!

OCEANIDAS (*coro*) :

Ah! de que estranha couraça  
És tu, que nada te prostra!  
Si mais te fere a desgraça,  
Mais indomavel te mostra!

O filho de Cronio é duro,  
Pena maior pode dar-te,  
Tememos por tua parte  
Tenhas mais negro futuro.

Mas, para assim padeceres,  
N'este Caucasos maldito,  
Faltaste a grandes deveres?  
Qual foi teu negro delicto?

PROMETHEO :

Foi aos homens levar a sagrada Esperança.  
Estudae o meu crime e de Zeus a vingança.  
A mim me condóe a Dôr. Vi que a Terra gemia.  
Mas a Esperança é vã, nasce e morre n'um dia,  
Si uma chamma do Céu constante a não aquece.  
Só sob um tal calor ella nunca perece  
Dei essa chamma então. Mas o homem sorrira,  
E prendiam-me aqui cheios de injuria e de ira!

OCEANIDAS (*coro*) :

Como sementes de flores  
Que produzissem espinhos,  
O teu amor e carinhos  
Deu-te supplicios e dôres.

Mas vê si esqueces um pouco  
O teu atroz soffrimento.  
É vão, é imprudente, é louco  
Buscar na dôr alimento.

PROMETHEO :

Commodo sempre foi aconselhar, amigas,  
E é facil descançar das alheias fadigas.  
Por vontade eu errei. Ja de ha muito o sabia :  
Custa trabalho e dôr dar aos mais alegria.  
Mas não choreis de mais o meu mal! Tudo passa !  
De um extremo a outro extremo anda errante a desgraça,  
Ao acaso ella pouosa, ao acaso se vae;  
Não se sabe a que porto ella irá quando sahe...

CHEGA O OCEANO

Tambem a voz do sangue, mas primeiro  
A vir o coração é que me obriga.  
Tens em mim teu mais firme companheiro,  
Minha visita é uma visita amiga.

Para que prompta e claramente vejas  
Que eu não sou de ostentar vãos sentimentos,  
Dize-me, Prometheo, o que desejas ;  
Meus passos não serão tibios nem lentos.

PROMETHEO :

Tambem tu, velho Oceano ? É por curiosidade  
Que vens, ou te pungiu meu mal, na realidade ?  
Emfim... olha e verás. Zeus reflecte e calcula,  
Quando sobre um amigo atira o mal e assula.  
Minha miseria é tal que é dos deuses vergonha,  
É de rir e chorar, ridicula e medonha !

O OCEANO :

Eu vejo. Mas embora reconheça,  
Prometheo, o teu senso e o teu talento,  
Que eu te aconselhe mal não te pareça  
Qual deva ser o teu procedimento.

Deixa-te de arrogancias e de insultos,  
Zeus é Zeus, pode mais do que tem feito ;  
Deves prestar-lhe obediencia e cultos,  
Ganha para isso habilidade e geito.

Talvez que te pareçam rabujices  
Os meus conselhos, mas de lingua solta  
Sempre tu foste. Cheio de estultices,  
Em orgulho a razão trazes envolta.

Denota apenas inexperiencia  
Com maiores lutar em qualquer parte.  
E agora sigo. Toda a deligencia  
Farei, que possa, para libertar-te.

PROMETHEO :

És feliz, tu que vens á plaga amaldiçoada  
E voltas sem ficar compromettido em nada!  
Vae! Mas esquece, é vão pretenderes, amigo,  
Agora o grande Zeus conciliar commigo ;  
Antes obres prúdentem, antes tenhas cautela,  
Não lhe excites a raiva. Em mim bem vês o que é ella!

OCEANIDAS (*coro*) :

Prometheo, ouve os gemidos  
Que por ti enchem os ares,  
Chegaram, certo, aos ouvidos  
Dos homens os teus penares!

A Colchida se levanta,  
E a Arabia bella e guerreira,  
Por ti levanta a viseira  
Toda a Asia soberba e santa!

Como soubeste estas almas  
Encher de tanto calor!  
Os teus martyrrios são palmas,  
Augusto triumphador!

PROMETHEO :

Ah! não canteis assim! Nos meus olhos o pranto,  
Vêde, é torrencial, no meu seio, entretanto,  
Ondas taes de emoção ainda vibram e gemem,  
Nervos, carnes em mim se agitam tanto e tremem,  
Que immortal como eu sou tenho medo da morte!  
Este doce pungir, mais do que eu sou, é forte!  
Amor, fogo sagrado, oh! força incomparavel,  
Creadora fecunda e veio inexgotavel,  
Que mais fertil se faz quanto mais prolifica,  
Amor, sagrado amor! a Natureza é rica,  
É assombro, é maravilha, ella é a Natureza  
Porque veiu de ti, palpitante e surpresa!  
Quando habitas acaso um coração augusto,  
E o fazes de si mesmo o seu assombro e susto,  
De tal modo elle avulta e de tal modo cresce,  
Tão outro e tão estranho o seu perfil parece  
Aos seus olhos de cego e de louco abençoado,  
Que quanto Zeus existe é mesquinho a seu lado!  
Ah! no meu pulso, embora, e em meu pé a corrente  
Da colera do Olympo andasse eternamente!

Eu não posso morrer! Victorioso ou réu,  
Meu reino é sempre meu, no Caucaso ou no Céu!  
Esse fogo que eu trouxe e a divina Esperança  
Para sempre são meus, são minha eterna herança!  
Tais batalhões, porém, só com tais elementos,  
Pouco a pouco, a cantar, ou gemendo em tormentos,  
Levantarei um dia aqui em baixo, na Terra,  
Que o Olympo me ha de ouvir anunciar-lhe a guerra!

OCEANIDAS (*coro*) :

A nós, esses pensamentos  
Tão altos, tão arrogantes,  
Perturbam os sentimentos  
Que obedecemos constantes.

É doce uma larga vida  
Passada na paz serena,  
Sem maior abalo ou pena  
Na obediência vivida.

Voltemos às nossas grutas  
Feitas de musgo e coral;  
Aos deuses fiquem as lutas,  
Que às nymphas só fazem mal.

(*Vão-se.*)

# INDICE



De Volta.	1
Transfiguração	3
A Victoria.	5
Muzica	7
Videncia	9
Adolescencia	11
Matinas .	14
Decadencia	17
Insomnia	19
A caudal .	38
Percamo-nos !.	40
A benção	42
A alguem	44
O Sonho	46
De longe	48
Bébé	50
A ausencia.	59
Helena	61
Peccados	63
Mollicia.	65
As idiotas .	67
Morte posthuma.	69
Homo sum	71

O bom mendigo.	74
Boa nova	76
Estrella . .	78
Sagesse .	80
Soneto branco.	83
Flôr morta	85
As tres graças	87
A visita .	91
Dolencia.	93
Filha morta .	95
Incoerciveis .	99
A Cruz e Souza	101
Alma mater	111
Os Versos .	113
Prometheo.	116







H. GARNIER, EDITOR, RIO DE JANEIRO

<b>Alvarenga Peixoto</b> (Ign. José de). <i>Obras poeticas.</i> 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Casimiro de Abreu</b> (J.M.). <i>Obras completas.</i> 1 vol. in-8° enc 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Castro Alves.</b> <i>Obras poeticas.</i> 2 vol. in-8°.	
<b>Francisco de S. Carlos</b> (Frei). <i>A Assumpção.</i> poema. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Gonçalves Dias.</b> <i>Obras poeticas.</i> 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br. . . . .	4\$000
<b>Gonzaga.</b> <i>Poema.</i> 1 vol. in-8° enc. . . . .	3\$000
<b>Gonzaga</b> (Th. Ant.). <i>Marilia de Dirceu.</i> 2 vol. in-8° enc. . . . .	6\$000
<b>Guimarães</b> (Bernardo). <i>Obras poeticas.</i> 3 vol. in-8° enc. 10\$000, br. . . . .	7\$000
<b>Guimarães Junior</b> (Luiz). <i>Corymbos.</i> 1 vol. in-4° br. . . . .	3\$ 00
— <i>Filigranas.</i> 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Junqueira Freire.</b> <i>Obras poeticas.</i> 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br. . . . .	4\$000
<b>Laurindo Rabello.</b> <i>Obras poeticas.</i> 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Machado de Assis.</b> <i>Obras poeticas.</i> 3 vol. in-8° enc. 9\$000, br. . . . .	6\$000
<b>Macedo</b> (Dr. J.-M. de). <i>A Nebulosa,</i> poema. 1 vol. in-4°. . . . .	4\$000
<b>Magalhães de Araguaya</b> (Dr. J.-G. de). <i>Obras.</i> 3 vol. in-4°. . . . .	24\$000
<b>Mello Moraes Filho.</b> <i>Obras poeticas.</i> 4 vol. in-8° enc. 19\$000, br. . . . .	15\$000
<b>Santa Rita Durão</b> (Fr. José). <i>Caramuru.</i> 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Silva Alvarenga</b> (M.-J. da). <i>Obras poeticas.</i> 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br. . . . .	4\$000

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).